

Lusofantasmias nos lados do Campo Grande

Jorge Braga de Macedo

Entre 23 de Março e 1 de Abril vi fantasmas da lusofonia global nos lados do Campo Grande e viso suscitar debate sobre esses lusofantasmias que julgo ter visto. Começo pelas datas, para depois evocar os fantasmas que interessam ao debate académico, estético e até político que viso suscitar. Em 23 de Março, um chefe de governo impopular apresentou a demissão ao chefe do Estado. Toda a gente sabe isso. Os eleitores também sabem que, no próximo 5 de Junho, terão oportunidade de escolher uma coligação ampla para a mudança, afastando outros fantasmas: a instabilidade governativa tantas vezes visto noutros lados da cidade entre 2001 e 2005 ou nova insolvência soberana cento e vinte anos depois. Na matriz judeo-cristã em que nos inserimos, por outro lado, 1 de Abril é o dia em que se pode responder sem medo à pergunta temível: “já deixaste de mentir?”.

Fantasmias da lusofonia global interessam à política externa dos oito países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com sede na Rua de São Caetano à Lapa. No quadro de um acordo de cooperação assinado há sete anos com o saudoso Secretário Executivo da CPLP, Embaixador João Augusto Médicis, o Instituto de Investigação Científica Tropical tem promovido um debate de políticas públicas, nomeadamente à volta da declaração da cimeira de Bissau da CPLP sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, no décimo aniversário da organização inter-governamental. No lado poente do Campo Grande, onde está situada há cinquenta anos a Universidade de Lisboa, a exposição “Caras e Citações: uma Interpelação Estética sobre Universidade, Cultura e Desenvolvimento”, destinada a comemorar o centenário da Faculdade de Letras de Lisboa, criada em 23 de Março de 1911, e que trouxe ao átrio dos movimentos estudantis de antanho danças africanas irresistíveis, faz referência explícita à lusofonia global e à declaração de Bissau.

Na conferência “Identidades, hibridismos e tropicalismos: leituras pós-coloniais de Gilberto Freyre”, realizada de 31 de Março a 1 de

Abril, no lado nascente do Campo Grande, num antigo quartel que agora acolhe a Universidade Lusófona, o prefixo luso ficou implícito. Apesar do título ser ainda mais longo do que o anterior -e de a Fundação Gilberto Freyre ter patrocinado a vinda da filha do homenageado e de outras individualidades brasileiras - os organizadores preferiram “pós-colonial” a “lusotropical”. É provável que a preferência não venha nem da Lusófona nem do IICT mas do peso do *campus* do lado sudoeste do Campo Grande.

Fantasma por fantasma prefiro o “luso” ao “pós” (*Futuro e História da Lusofonia Global*, Lisboa: IICT, 2008, *passim* especialmente p. 155 ss, p. 170 ss), mas a conferência evacuou esse debate, considerado irrelevante por Miguel Vale de Almeida, *éminence grise* daquelas leituras pós-coloniais. Na sua comunicação, lida no ritmo frenético de um batuque africano, ainda conseguiu mencionar duas vezes a CPLP e alertar que valorava de modo distinto a instituição e a comunidade. Só que, no meio de muitas distinções e outras tantas ambiguidades, sem esquecer os hibridismos encantatórios do título, acabei por não perceber as identidades intelectuais. Tentando saber o porquê da distinta valoração entre instituição e comunidade perguntei-lhe: “Porque tem medo da CPLP?”.

Respondeu que eu estava equivocado no medo que ele não tinha, até porque a instituição era irrelevante, como quem diz fantasma inofensivo. Ainda tentei replicar que a CPLP existe e recomenda-se mas o discípulo que moderava a sessão calou-me. Felizmente, encontrei o mentor à saída e falámos pausadamente durante uns minutos e esclarecemos, assim o espero, o equívoco: ao contrário do que eu pensara, o que ele valora negativamente é a comunidade. Esse lusofantasma poderia meter medo, a CPLP *jamais!*

Na abertura da conferência falei do IICT, desde a sua criação nas vésperas da conferência de Berlim até ao plano de actividade concertado com a CPLP na presidência angolana em curso. Enalteci a declaração de Bissau, que quer transformar a “amizade mútua” do tratado constitutivo em “conhecimento mútuo” e evoquei a exposição do lado poente, oferecendo o *Catálogo* à filha do homenageado, com quem partilhava a mesa, e que se fez eco da “aprendizagem mútua”.

Na verdade, a exposição evoca o primeiro, sétimo e oitavo Objectivos do Milénio e acompanha a narrativa com testemunhos de alunos do curso de estudos africanos da Faculdade de Letras, um dos quais, guineense como actual Secretário Executivo, afirma que “a CPLP é uma instituição fantasma”.

Estava encontrado o mote, mas seria redutor ficar por aqui. De

facto há outra ponte por cima do Campo Grande que é a evocação de Gilberto Freyre por Jorge Borges de Macedo, um dos mestres citado no *Catálogo*. Ponte tanto mais sólida quanto é certo que se trata de uma separata do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa* (nº 16, 1989, pp. 93-127) instituição criada por Adriano Moreira. Aí se afirma a dado passo que “são escassíssimos os estudos críticos” a respeito de Gilberto Freyre, acrescentando em nota: “Exceptuaremos, na área das ciências humanas, Adriano Moreira e, quanto a estudos de antropologia, Almerindo Lessa. Cite-se o esforço para valorização da obra de Gilberto Freire devido a Luís Forjaz Trigueiros” (p.95). Mais adiante se lembra a proposta de Jorge Dias, outro mestre citado em *Caras e Citações*, ao admitir que a metodologia de Gilberto Freire possa “ser usada para abordar, com novos elementos e novas hipótese, o problema do lado português” (p. 123). E a conclusão denuncia a “hierarquia da soberba” onde o topo das civilizações “era ocupado pelas sociedades industriais e as culturas quantificadas” (p.127) considerando que foi este “o resultado profundo da obra de Gilberto Freire”.

Na conferência de abertura, um académico inglês alegou que Gilberto Freire escrevera in *the wrong language*. Em resposta a perguntas relacionadas com tal juízo, aventou que se Freire tivesse permanecido nos Estados Unidos teria aprendido a lidar melhor com a crítica. No Recife, onde era um *big fish in a small pond*, estava rodeado de discípulos reverentes, fenómeno a que nenhum *campus* é estranho mas que, como já escrevi (*Futuro e História*, cit, “Mais vento de Hespanha”, p. 186 ss), viceja no lado sudoeste do Campo Grande, fortemente representado neste evento, até porque, como notou o representante da Lusófona na conferência de encerramento dada por um académico brasileiro, o académico português Adriano Moreira não compareceu.

A organização deveu-se a dois bolseiros pós-doc, uma do IICT (que não desconhece a lusofonia global) e outro de Miguel Vale de Almeida. Este talvez desconheça o conceito porque trabalhou no IICT antes do protocolo com a CPLP e depois foi eleito deputado nas listas do Partido Socialista com uma missão predominantemente doméstica. Sem embargo, ouvi-o falar eloquentemente de Jorge Dias numa iniciativa do Conselho Científico do IICT, quando a instituição já estava ancorada na CPLP. Vale ainda o encontro final à porta do auditório, onde se desfiz o equívoco e decidi escrever sobre lusofantasmias diversos vistos para os lados do Campo Grande.

Oxalá prossiga o debate na zona ribeirinha, onde nasceu vai para três anos, o *blogue de História Lusófona*, onde convidei os participantes a escrever. Os organizadores pelo menos devem aceitar o con-

vite que formulei na sessão de abertura, e excitar a curiosidade dos seus mentores por estes e outros fantasmas da lusofonia global, que felizmente não lhes metem medo.

Praia das Maçãs, 3 de Abril de 2011